

Papéis sociointeracionais e o uso de fóruns *online* no ensino superior

Socio-interactive roles and online forums in higher education

Fabiana Poças Biondo e Elaine de Moraes Santos*

Resumo: Tomando as condições de possibilidade das trocas linguageiras em práticas letradas do ensino superior, o objetivo geral deste trabalho é discutir os papéis sociointeracionais assumidos por professor e aluno em dois fóruns *online* realizados no interior de disciplina semipresencial de um curso de licenciatura em Letras. Para tanto, a proposta tem ancoragem em uma abordagem teórico-metodológica interdisciplinar, sobretudo ao compreender a linguagem como prática social a partir do campo aplicado dos estudos da linguagem e em diálogo com os pressupostos discursivos de orientação francesa. No enalço de refletir as atividades didático-científicas estabelecidas na ordem discursiva dos fóruns recortados, enquanto manifestações de processos complexos de construção da identidade docente pela linguagem e enquanto exercício regular de produção e de circulação de saberes científico-pedagógicos, são mobilizados como instrumental analítico os conceitos de *framing*, postura e estilo de discurso. Os resultados apontam que, no batimento entre as condições de emergência e as relações de poder que cercam cada interação desenvolvida, os participantes mantêm a posição-sujeito institucionalizada e (co)constroem, alternadamente, outros papéis sociointeracionais. Com regularidade significativa no fórum livre, o estudo nos permite entrever

* Faculdade de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

maior produção de subjetividade em contexto não imbuído do ritual avaliativo. Além disso, o que as análises mostraram é que a mediação da tecnologia digital em si não garante esses deslocamentos, quando se trata de situação de ensino/aprendizagem da língua portuguesa.

Palavras-chave: Práticas letradas. Fórum virtual. *Framing*. Papéis sociointeracionais.

Abstract: *In the wake of language exchanges in literacy practices in Higher Education, current analysis discusses the socio-interactional roles by professor and undergraduate at two online forums in a semi-presence discipline in the Language and Literature Course. The proposal is based on an interdisciplinary theoretical and methodological approach, particularly when one understands language as a social practice as from the applied field of language studies and from the French discursive presuppositions. Through discussions on the didactic and scientific activities established in the discursive orders of the above-mentioned forums as manifestations of complex processes for the construction of teachers' identity by language, and as a regular exercise for the production and dissemination of scientific and pedagogical knowledge, the concepts of discourse framing, posture and style are employed as analytic tools. Results show that between emergency conditions and power relationships that foreground each developed interaction, participants maintain their institutionalized subject stance and co-built, alternately, other socio-interactional roles. With greater regularity in the free forum, current analysis reveals the production of subjectivity within the non-imbued context of the assessment ritual. Further, analyses demonstrate that mediation of digital technology does not in itself guarantee these shifts when teaching-learning situations of the Portuguese language are dealt with.*

Keywords: *literacy practices. Virtual forum. framing. socio-interactional roles.*

Considerações iniciais

Pensar a formação inicial de professores de língua portuguesa, para além das questões didáticas inerentes ao ingresso do sujeito universitário na *ordem discursiva* (FOUCAULT, 2010a) da docência, passa, primeiramente, pela reflexão do papel que alunos e professores assumem, sobretudo nas práticas letradas que se desenvolvem em contexto acadêmico. Nessa direção, trata-se de situar as atividades de leitura e de escrita produzidas no ensino superior enquanto manifestações de processos complexos de construção da identidade docente pela linguagem e enquanto exercício regular de produção e de circulação de saberes científico-pedagógicos.

Tradicionalmente, em nossa cultura, à figura do *professor* é legado o papel de *ensinar*, em geral transmitindo conhecimentos, incentivando e verificando o aprendizado de seus alunos, explicando conceitos, apresentando

exemplos, sanando dúvidas, problematizando questões, formulando e evocando respostas. Em seu conjunto, tais atividades costumam definir, em termos de expectativas e de representação, os papéis sociais desse profissional constituídos ideologicamente em nossa sociedade. Embora, como destacam Celani e Magalhães (2002, p. 323), as representações do professor estejam, nos últimos tempos, englobando novos e mais complexos funcionamentos e saberes, essa transformação ocorre em ritmo bastante lento e “as formas de conceber o profissional docente como o que detém o domínio do conhecimento e o controle dos resultados ainda se mantém”.

Em contrapartida, ao *aluno* costuma-se atribuir o dever de *aprender*, perguntando, apresentando suas opiniões, mas principalmente estudando e respondendo às perguntas feitas, seja em situação avaliativa formal ou não. Os dois principais papéis sociais tradicionalmente ligados ao contexto escolar costumam ser representados, portanto, por meio de relações discursivas binárias do tipo ensinar/aprender, perguntar/responder, transmitir/apreender, entre outras que acabam por caracterizar o discente em situação mais passiva.

O conjunto de expectativas em relação ao engajamento de figuras sociais tão distintas costuma se confirmar na análise de situações específicas de ensino/aprendizagem, nas quais a institucionalização e a naturalização de quem detém conteúdos e métodos acaba por definir previamente os papéis a serem assumidos por cada um, principalmente na estruturação de plataformas virtuais de aprendizagem, conforme sugerem Segura & Quintero (2010).

Tomando, portanto, as *condições de possibilidade* (FOUCAULT, 2010a) que permeiam os empreendimentos languageiros de práticas discursivas comuns à oferta de componentes curriculares na formação inicial, o objetivo deste texto é discutir os papéis sociointeracionais assumidos em dois fóruns *online* realizados em disciplina de um curso de licenciatura em Letras, ofertado em universidade pública no estado do Mato Grosso do Sul.

Para tanto, ancoramo-nos em uma abordagem teórico-metodológica interdisciplinar, compreendendo a linguagem como prática social, a partir do campo aplicado dos estudos da linguagem, em diálogo com os pressupostos discursivos de orientação francesa, e mobilizamos como instrumental as noções de *framing*, *postura* e *estilo de discurso*. Esses conceitos foram

atualizados em estudos recentes que buscam estabelecer uma ponte entre o verbal e o social na análise de práticas interacionais face a face (GUMPERZ e GUMPERZ, 2011; PARK e TAKAHASHI, 2011; TAKAHASHI, 2011; HARRISON, 2011), oferecendo “o vislumbre de uma possível ligação micro-macro de análise interacional” (GUMPERZ e GUMPERZ, 2011, p.285).

Embora tais investigações contemplem situações de interação face a face, acionando características linguísticas e prosódicas, adaptamos o dispositivo teórico-analítico de forma a propor sua relevância também para os casos de interação mediada pela linguagem escrita, em situação *online*, conforme o espaço discursivo que constitui nosso *corpus*– os fóruns virtuais.

Visando ao cumprimento de nossos propósitos, apresentamos inicialmente as especificidades da composição do arquivo de pesquisa e em consonância aos aspectos que delineiam a intersecção de atividades *online* e *offline*. Em seguida, discutimos as articulações teórico-metodológicas que embasam as análises dos fóruns recortados como *corpus*, enquanto lugares de (re)construção de papéis sociais. Das análises, lançamos nossas últimas reflexões a partir do percurso aqui empreendido buscando contribuir para a proposição de debates sobre a mediação tecnológica que compõe nossa realidade e precisa ser explorada sistematicamente, para fins de sua apropriação crítica (SIGNORINI, 2012).

Um olhar para a criação do arquivo: os espaços-tempos em fóruns *online*

Concebendo, à luz do pensamento foucaultiano, que nada preexiste às práticas discursivas, tomá-las na historicidade das atividades didáticas de um curso de licenciatura, no âmbito de disciplina voltada ao estudo da Morfologia da língua portuguesa, requer enredar-se, inicialmente, no batimento entre a sistematicidade dos exercícios previstos em situação de avaliação ou não, o engajamento dos sujeitos na produção de subjetividades e a (não) adesão aos modos de comunicação e interação em ambiente virtual.

É nessa medida que a natureza movente das práticas *online* chamam nossa atenção, dada a sua capacidade de deslocar a primazia e a linearidade da escrita tradicional para inaugurar fissuras e deslocamentos próprios. Assim, pensar na inscrição do sujeito universitário nessa nova ordem discursiva

solicita prepará-lo para ler e escrever no entremeio das dizibilidades entre autor e leitor-usuário, uma vez que, de acordo com Barton & Lee (2015, p. 13), “as noções centrais de interação, como tomada de turno e face a face, funcionam de maneira diferente com os dados *online*. Noções de autor e público tornam-se ainda mais complexas”.

Focando, então, nos rearranjos e nos novos contornos semióticos de apresentação, sucessão e visibilidade que constituem fóruns eletrônicos, tomamos os fios discursivos dos(as) graduandos(as) no *arquivo* formado pelas postagens no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), como *acontecimentos* (discursivos). Isso significa que, no sistema de enunciabilidade utilizado para realizar uma tarefa, debater um conteúdo, tirar dúvidas, engajar-se na manifestação dos colegas e compartilhar descobertas, voltamos nosso olhar, também, para a interatividade do aluno como uma “[...] maneira como os indivíduos se relacionam, aprendem e têm acesso às informações” (ZACHARIAS, 2016, p. 23).

Nas arestas desses princípios, o *arquivo discursivo* (FOUCAULT, 2010b) que selecionamos para o presente exercício analítico foi produzido nos anos de 2011 e 2012, durante a oferta de uma disciplina cujo formato *semipresencial* deslocava, pela primeira vez, o espaço-tempo das aulas a que estavam condicionados os discentes matriculados em graduação presencial.

Como parte da carga horária a distância do componente curricular desenvolvido, o uso da plataforma *Moodle* era destinado às chamadas atividades a distância, dentre as quais estão os dois fóruns de discussão *online* que focalizamos aqui: um avaliativo e um de participação livre. A escolha de instâncias diferentes se faz pertinente para investigarmos se a obrigatoriedade é uma variável a ser considerada determinante em relação à construção de papéis no espaço discursivo digital.

Nos dois fóruns, a professora responsável e os alunos matriculados, além de se enveredar pelo exame da linguagem com enfoque no nível morfológico de análise da língua, também, em conformidade ao conteúdo da ementa, destinaram esforços à realização de reflexões sobre a prática de análise linguística (AL), em especial no desenvolvimento coletivo de estratégias para a transposição didática desses conteúdos.

O fórum livre foi aberto no início do segundo semestre de 2011 com o objetivo de funcionar como um recurso para a ampliação das discussões iniciadas semanalmente nas aulas presenciais, como um ambiente em que todas as questões poderiam ser (re)discutidas, ampliadas e/ou problematizadas, bem como por meio do qual seria possível sanar dúvidas na troca de conhecimentos entre colegas.

Nesse fórum, foram realizados 4299 acessos e 257 postagens no período de 08 de agosto de 2011 a 30 de novembro do mesmo ano.¹ Dos 68 alunos matriculados na disciplina,² 37 participaram dos debates do fórum, além da professora, totalizando 38 participantes e indicando uma média de 113 acessos e 7 postagens por cada sujeito. Dentre os 38 participantes, 21 iniciaram tópicos provocadores de discussão, de modo que ficaram disponíveis para postagem *links* com temáticas que variavam desde questões bem específicas de *Morfologia* e de *AL*, até assuntos apenas relacionados à disciplina.

O fórum obrigatório, por sua vez, também foi criado no início do semestre e esteve à disposição dos alunos durante todo o período de aulas. A participação nele, no entanto, compunha as atividades avaliativas da disciplina, e as discussões estavam direcionadas para tema específico: a atividade de “análise linguística” – um dos eixos de trabalho com a língua portuguesa apontado pelos PCNs.

Enquanto objeto de avaliação, no fórum obrigatório, foram realizados 2441 acessos e 85 postagens entre 11 de setembro e 28 de novembro de 2011. Dos 68 alunos matriculados,³ 37 participaram das discussões, e a professora da disciplina, somando 38 participantes e indicando uma média de 64 acessos e 2 postagens por cada sujeito. Em termos distributivos, apenas 21 participantes iniciaram os 23 tópicos do debate, e os demais apresentaram suas respostas em proposições já inauguradas por outro participante.⁴ Já que

¹ Números atualizados em 12 de dezembro de 2012, às 23h11.

² Muitos alunos declinaram da disciplina e/ou do Curso de Letras no decorrer do semestre, fato comum no primeiro ano do curso.

³ Muitos dos quais deixaram de frequentar a disciplina durante o semestre, como situado em nota anterior.

⁴ Números atualizados em 12 de dezembro de 2012, às 23h11.

se tratava de um fórum de conteúdo específico, quase todas as interações tiveram a AL como temática principal.

Apesar de a quantidade de acessos não possa repercutir, diretamente, na identificação dos papéis sociointeracionais desempenhados pelos participantes, em sua relação com as representações tradicionais sobre a figura do aprendiz e do professor, faz-se necessário ressaltar que os dados do mapeamento são representativos, em uma primeira instância, da responsabilização inicial dos alunos com a metodologia desenvolvida na disciplina.

Na direção específica da situação de ensino-aprendizagem em intersecção com a sala de aula presencial, que configura nossa pesquisa, observamos que, na interação, os participantes dos fóruns sob análise se assentam em um conjunto de perspectivas culturais sobre o papel de professor e de discente, assumindo tarefas constitutivas das seguintes orientações contextuais (*framings*): “ensinar”, “aprender” ou, ainda, “mostrar que aprendeu”.

A partir dessas orientações, evidenciadas por meio do *estilo* discursivo que os indivíduos co(constroem) ao longo da interação, bem como de seu alinhamento em direção aos demais sujeitos e à situação (postura), pudemos identificar por meio da análise seis práticas discursivas como regulares, a saber: 1) cumprir a tarefa apresentando suas considerações sobre o tema em debate opinando, ou simplesmente mostrando o que compreendeu; 2) explicar determinados pontos do assunto em voga, buscando dar exemplos, simplificar a linguagem para ser entendido e, no limite, ensinar; 3) fazer perguntas para sanar suas próprias dúvidas; 4) fazer perguntas para instigar a reflexão ou verificar a aprendizagem dos demais participantes; 5) responder, buscando sanar dúvidas dos demais interactantes; 6) apresentar sugestões de leitura, de congressos, etc., no sentido de colaborar com outros interlocutores.

Ao propor como *corpus* o recorte do arquivo pela noção de *regularidade discursiva*, não pretendemos “opor a regularidade de um enunciado à irregularidade de outro (que seria menos esperado, mais singular, mais rico em inovações), mas sim a outras regularidades que caracterizam outros enunciados”. (FOUCAULT, 2010b, p. 163). Nesse sentido, o delineamento de uma *regularidade* também não passa, nas interações estabelecidas nos fóruns,

pela identificação da coconstrução de papéis relacionados aos objetivos de um fórum *online* em geral, como os papéis de animador, debatedor, regente ou coreógrafo, entre outros já identificados na literatura da área por autores como Oliveira e Lucena Filho (2006).

O que a percepção das práticas discursivas regulares favorece compreender, em termos dos papéis sociointeracionais assumidos pelos participantes em cada um dos fóruns em particular, é a assunção da posição-sujeito no desempenhar dos seguintes papéis sociointeracionais: a) efeito-professor; b) aprendiz e c) colaborador.

Por fim, vale salientar que os fóruns apresentados (o livre e o obrigatório) representam, ainda, tentativas da professora da disciplina de integrar o estudo de conteúdos da Morfologia da língua a reflexões sobre a sua transposição didática, bem como de integrar atividades *offline* de análise da língua a atividades *online*.

Instrumentos de análise: relacionando o verbal e o social

Compreendendo a linguagem como mediadora por excelência das práticas sociais e como o que, de fato, as tecnologias digitais fazem circular (SANTAELLA, 2007), consideramos o diálogo escrito, nos fóruns, como uma “ferramenta de mediação na construção social dos significados” (MOITA LOPES, 2010, p. 402), e enquanto uma forma de levar à situação social em processo nas interações.

Entendida a conversa escrita dessa forma, a análise dos movimentos interacionais apresentados pelos participantes dos fóruns busca ancoragem em estudos realizados a partir de tradições e de conceitos recentes da sociolinguística, da análise do discurso e da antropologia linguística que buscam reconfigurar a noção de *frame* na análise de práticas interacionais face a face (GUMPERZ e GUMPERZ, 2011; PARK e TAKAHASHI, 2011; TAKAHASHI, 2011; HARRISON, 2011).

Adaptando esses estudos a práticas de escrita *online*, consideramos a partir desses autores a reconfiguração do conceito de *frame*, para *framing*, de modo que a noção estática e analítica subentendida ceda lugar a um construto

situacional e interpretativo (*framing*). Assim, as perspectivas sociais que antes eram tidas como simples “molduras” de determinados discursos passam a ser vistas como parte constitutiva deles e, logo, identificáveis apenas em sua relação com a situação social.

Do direcionamento distinto, pois, o *framing* passa a compreender aspectos *macro* das interações, como a reprodução de ideologias, de relações de poder e de categorias sociais, no tratamento de *micro* práticas interacionais, moldando a constituição da cultura e da ordem social. A reconfiguração de *frame* para *framing* implica, de acordo com Gumperz & Gumperz (2011, p.285, tradução nossa), em

[...] unir o conhecimento linguístico e o sociocultural disponível na troca interativa, de modo a tomar em parte o território comunicativo anteriormente habitado por muitas noções de contexto e de contextualização. Nestas dinâmicas recentes, *frames* contextualizados são linguisticamente realizados por meio dos recursos gramaticais e pragmáticos que os participantes reconhecem como sinais para uma variedade de concepções socioculturais que fazem suas trocas interacionais funcionarem satisfatoriamente.

Nesse sentido, conforme os autores, as práticas de *framing* dos falantes podem ser vistas como um *lócus* para a reprodução dinâmica de pressupostos culturais e de organização social, e o gerenciamento desses *framings* tem a importante função de construir e/ou reproduzir estruturas e crenças sociais. O *framing* funciona, então, como um dispositivo de “filtragem” por meio do qual é possível transformar e reorientar princípios de conduta social em uma determinada situação em questão.

No que diz respeito à passagem para o *framing*, os autores destacam que há três ideias em particular intimamente relacionadas e advindas da sociolinguística e da antropologia linguística: postura (*stance* ou *stancetaking*); estilo (*style*); e metalinguagem e ideologia de linguagem (*metalinguistics and language ideology*). Aqui, limitamo-nos a situar os dois primeiros conceitos, que nos interessam mais de perto para as análises dos fóruns virtuais.

A primeira noção, de *postura*, pode ser entendida enquanto um conjunto de “atos dialógicos por meio dos quais os falantes se posicionam e se alinham em direção a uma entidade ou proposição, bem como em direção ao outro”

(PARK e TAKAHASHI, 2011, p.186). Expandindo o *footing* de Goffman (1981), estudos sobre a postura fornecem maior especificação das dimensões interpessoais e intersubjetivas de *framing* e de como os falantes se valem de recursos linguísticos neste processo, de modo a desempenharem e alternarem posicionamentos e papéis sociais, situando-se e se autodesignando como *isso* ou como *aquilo*.

Com relação ao *estilo*, Park e Takahashi (2011, p.186) destacam que estudos recentes têm focalizado “as maneiras pelas quais falantes manipulam o significado de variáveis linguísticas para construir e projetar novas identidades e personagens”. A partir de tal perspectiva, as identidades e os personagens adotados pelos falantes por meio de seu *estilo* de fala assentam em determinadas posições e estereótipos sociais, ao mesmo tempo em que são o resultado da resignificação e da reinterpretação de formas linguísticas em processos interacionais. Importante destacar, nesse caso, que o estilo fornece os fundamentos para o *framing*, já que este “é inerente à negociação intersubjetiva e à interpretação do significado social de variáveis sociolinguísticas, à construção de quadros de referência em que diversas identidades e personagens podem ser compreendidos”⁵.

No caso das interações ocorridas nas análises dos fóruns que selecionamos para a presente discussão, buscamos compreender, à luz do instrumental analítico apresentado, o modo como os participantes negociam, com os demais participantes, *estilos* específicos de discurso, a moldar suas *posturas* no jogo da linguagem (co)construído e o que isso tem a evidenciar em termos de (re)construção de papéis sociais e institucionalizados, especialmente

⁵ Takanashi (2011) busca analisar o modo como interactantes assumem diferentes papéis sociais em relação de complementaridade com os demais participantes e com a situação social em processo. De modo bastante simples, o autor sugere que o *framing* seria um tipo de “orientação contextual” a situar o que está acontecendo em uma determinada prática de linguagem e, em uma de suas análises, identifica dois *framings* evidenciados pelo jogo de linguagem em que os participantes se envolvem: a brincadeira e a não-brincadeira. Nessa situação, dois estudantes conversam informalmente sobre seus estudos e, no decorrer de sua conversa, um deles inicia o *framing* da brincadeira, inerente ao seu *estilo* de fala, simulando uma *posição/postura* de professor e assumindo esse papel de forma estereotipada e bem humorada. Entrando no jogo iniciado pelo colega, o outro participante se alinha em *postura* complementar à do suposto professor, assumindo o papel sociointeracional de seu aluno na situação de brincadeira coconstruída. No decorrer do diálogo, os participantes alternam seus *estilos* de fala e suas *posturas*, assumindo intersubjetivamente os papéis sociointeracionais de aluno/professor no contexto da brincadeira e (re)assumindo os seus papéis de estudantes no momento da não-brincadeira.

de *professor* e *aluno*, estabelecidos *a priori* em situação de ensino/aprendizagem, conforme delineamos no tópico a seguir.

Ensinar e aprender nos dois fóruns *online*: ensaiando a profissão?

Quando se trata de focalizar o entrecruzamento de vozes no ensino superior, o olhar sobre a dizibilidade acadêmica perpassa pelo menos dois campos diferentes: o fazer científico e o agir pedagógico. É nessa medida que o trato com os licenciandos dá às práticas discursivas um funcionamento específico que advém de condições singulares de existência e circulação. Na heterogeneidade dessa trama, o falar em fórum virtual também se situa como um movimento próprio que (re)produz sentidos, efeitos e conhecimentos.

Pensar tais especificidades no bojo do fórum obrigatório em análise é compreender o Outro que assume o lugar do Um e, portanto, tomando para si o turno, a fonte, a digitação, a circulação de conteúdos. Enquanto posição ocupada pela diversidade de sujeitos que historicamente possam assumir o papel sociointeracional de *explicador*, o *efeito-professor* é a entidade discursiva que, nas duas postagens submetidas ao mesmo tópico interativo, mantém-se nessa posição ao incitar uma reflexão e, na sequência de uma resposta dada à sua indagação, apresentar suas explicações, com postura semelhante à de um professor. Todos os demais participantes do fórum (36) desempenham o papel sociointeracional de *aprendiz*, seja apresentando suas dúvidas, respostas e opiniões, ou simplesmente cumprindo a tarefa de postar suas considerações a respeito da temática em evidência. Nenhum participante, por outro lado, desempenha o papel de colaborador nesse fórum.

A fim de discutir esses resultados à luz do instrumental analítico acima situado, apresentamos um trecho de interação discursiva retirado do fórum obrigatório (Exemplo 1)⁶, no qual consta conversa construída entre 03 participantes do tópico “A necessidade do ensino gramatical”. Iniciada por um

⁶ Por questão de espaço e sem pretensões generalizantes, apresentamos apenas um tópico de cada fórum e, no primeiro deles, situamos somente parte do movimento interacional estabelecido nele todo, buscando esclarecer o conjunto dos dados por meio do mapeamento de cada um dos fóruns em relação aos papéis sociais assumidos pelos participantes. Pelo mesmo motivo, algumas das postagens não são apresentadas na íntegra, sendo omitidas partes que consideramos menos relevantes para demonstrar o movimento interacional construído no fórum. Nesses casos, marcamos a omissão das partes por [...].

aluno da disciplina no dia 3 de outubro de 2011, a proposta de diálogo obteve 3 respostas, como se vê de (01) a (03).

Exemplo 1 – Interação no fórum obrigatório

(01) Por A... - segunda, 3 outubro 2011, 20:55

Eu, como estudante de Letras, me surpreendi ao ser apresentado à análise linguística. Sendo amante da língua portuguesa, sempre me interessei por regrinhas de gramática e sentia prazer em corrigir os tais erros gramaticais cometidos por aqueles que me cercavam. [...] É um poder da gramática fazer estudantes criarem redações que os possibilitem ingressar numa boa faculdade, eu sou um exemplo disso. [...] É claro que pontos negativos também devem ser abordados. Provavelmente, o preconceito linguístico seria algo bem menos presente na sociedade se a gramática não fosse tão rigorosa. O estudo da língua também seria muito mais amplo, pois toda variação linguística teria seu lugar dentro da sala de aula. Mas aqui aparece uma contradição, como ensinar uma criança que determinada maneira de se expressar é aceitável e ao mesmo tempo impedi-la de usar essa mesma maneira em determinada situação? Uma resposta para essa pergunta certamente vem sendo buscada há muito por professores de português recém-formados, que com uma mente fresca de ideias, carecem de experiência numa abordagem mais prática. Ainda se discutirá muito sobre ambas as formas de estudo da língua, e uma solução não será encontrada tão facilmente. Acredito que o que poderia realmente dar certo seria um equilíbrio entre ambas as formas de análise. Enquanto a linguística e a gramática lutam pela imposição de suas teorias, as crianças brasileiras saem das escolas, se tornam adultas e continuam com um fraco desempenho em ambas as ciências. É hora de buscar o que realmente importa para o país: uma educação de qualidade.

(02) Por M... - segunda, 28 novembro 2011, 20:08

É verdade A..., todos nós entramos no curso de Letras com ideia totalmente deturpada sobre a língua e linguagem. Afinal, até então fazíamos parte de uma maioria presa ao senso comum. Pessoas que possuem acessos a muitas informações, mas não sabem o que fazer com elas e acabam dando opiniões sem nenhum fundamento teórico ou científico. Depois de iniciar a graduação, percebo que até as pessoas ao meu redor também mudaram comigo, todos ficam receosos ao falar sobre algum assunto perto de mim, têm aquele pensamento de que iremos a todo o tempo ficar corrigindo o que dizem, só porque, para eles estudamos a gramática pura e simples. Quem nunca ouviu essa pergunta: "Se você não aprende gramática no seu curso, o que aprende então?"

(03) Por C... - segunda, 28 novembro 2011, 21:20

A..., concordo com você que as regras da gramática ficam arraigadas em nosso intelecto. Tenho muita dificuldade em expressar na escrita o que aprendi, acredito que o modo em que fui educada atrapalha um pouco, mas diante dos estudos feitos na faculdade já é possível entender muita coisa, por exemplo classe de palavras não pode ser ensinada separadamente como se estivesse em gavetas isoladas.

Com se pode observar em (01), o sujeito que nominamos como A inicia o tópico se posicionando como "estudante de Letras". Essa postura inicial de *aprendiz* evidencia um *framing* de "aprender", que se mantém quando afirma que a gramática tem o poder de fazer estudantes terem sucesso em suas redações e, em seguida, apresenta-se como pertencente a tal grupo. Além disso, o discente A apresenta suas considerações sobre o tema na forma de um *depoimento* quando diz que se surpreendeu ao ser apresentado à AL, bem como de uma *pergunta*, também reveladora de sua *preocupação*, de sua *dúvida*, enquanto aluno, em relação ao papel de professor que possivelmente

assumirá no futuro. A utilização de verbos modalizadores, por fim, marca um estilo de fala revelador de seu posicionamento como aluno, como se pode ver em “acredito” e “poderia”.

Mantendo-se no *framing* “aprender”, M se alinha com A por relação de similaridade de papel logo no início de sua fala, quando usa pronome de primeira pessoa do singular para afirmar que “todos nós [estudantes] entramos no curso de Letras com ideia totalmente deturpada”. Na enunciabilidade do dizer de M temos, ainda, uma tentativa de mostrar que depois que entrou no curso passou a *estudar*, então *aprendeu* (*framing* inerente) e agora já não é mais parte do “senso comum”, uma vez que cumpriu os seus deveres acadêmicos (*estudar*, *aprender*). Como se vê, portanto, em alinhamento com A, M desempenha o papel sociointeracional de *aprendiz*.

Em sintonia de *postura* com os colegas de disciplina, C inicia seu discurso, por sua vez, apresentando concordância com as questões já colocadas e reforçando a condição de discente que possui dificuldades, especialmente para se expressar por meio da escrita. Interessante notar, no caso de C, a exposição de suas dificuldades de modo a justificar sutilmente (para a professora?) que, apesar de ter dificuldade para demonstrar conteúdos aprendidos por meio da escrita, ela *aprende*.

Além de passar sutilmente o recado de *aprendiz*, C busca *justificar* suas dificuldades, porém reafirmando seu compromisso e *respondendo* à atividade, ou seja, mostrando que já entendeu alguma coisa por conta dos “*estudos* feitos na faculdade”. Posiciona-se, assim, por meio de seu discurso, como uma aluna que *estudou* e que *entendeu* que as classes de palavras não podem ser vistas como se estivessem em “gavetas isoladas”, retomando uma analogia feita pela professora da disciplina em sala de aula, de modo a mostrar também que *prestou atenção* às *explicações* e *entendeu* parte das ideias.

Os dados apresentados no diálogo de (01) a (03) revelam, portanto, que a orientação contextual em evidência (*framing* “aprender”) aponta para a manutenção dos papéis institucionalizados de *aluno* e de *professor*. Típicos do universo escolar/acadêmico e previamente definidos para fóruns de ensino/aprendizagem, os papéis sociais mostram-se replicados, pois, como foi possível observar, em geral o discurso dos participantes se dá de modo a

utilizar o fórum para cumprimento de uma tarefa escolar, como se faria, por exemplo, por meio da entrega de um trabalho escrito.

Além da situação avaliativa constitutiva do fórum em questão, acreditamos que o fato de o fórum se desenvolver por meio de assunto específico, bem como o próprio assunto em si (a atividade de AL) contribuem para a manutenção do papel, previamente definido pela instituição e pela plataforma de aprendizagem, nas interações, já que dá abertura para a exposição de opiniões e de angústias (típicas das representações sociais de aluno) sobre a atuação do professor em sala de aula. Dessa forma, podemos inferir que a simples adoção da tecnologia digital em situações dessa natureza não implica, necessariamente, inovação em relação às posições-sujeito típicas de tais situações.

Por outro lado, no fórum livre, alguns alunos assumem, em vários momentos, posturas de efeito-professor especialmente desempenhando o papel de “explicador”, sanando dúvidas dos demais participantes e incitando diferentes reflexões. Apesar de, ao realizarem essas atividades, os sujeitos evidenciarem a imersão em um *framing* de “ensinar”, não as consideramos como marcas do desempenho do papel sociointeracional de professor por entendermos que esse papel tem a avaliação como traço, diferentemente dos casos aqui verificados.

Mapeando esse fórum, portanto, identificamos que, dos 38 participantes que nele apresentaram as 257 postagens acima mencionadas, 01 desempenha apenas o papel sociointeracional de “efeito-professor” nas interações, enquanto 09 desempenham alternadamente os papéis sociointeracionais de “efeito-professor” e de “aprendiz”, e 02 alternam os papéis de “efeito-professor”, “aprendiz” e “colaborador”. Além disso, 23 alunos assumem e mantêm, em todas as suas postagens, uma postura que evidencia o assumir do papel sociointeracional de “aprendiz”, enquanto 02 alternam esse papel com o de “colaborador”, sugerindo aos colegas a participação em determinados congressos, apresentando bibliografias interessantes, entre outras formas de colaboração.

Para ilustrar parte desses dados, selecionamos um trecho de conversa ocorrida no tópico “Critérios de definição de classes de palavras”. Aberto no

fórum livre no dia 13 de novembro de 2011, esse tópico obteve 21 *feedbacks*, de 14 participantes, ainda nesse mês. O trecho aqui apresentado refere-se a 6 das 22 postagens do tópico e corresponde a um diálogo estabelecido entre 5 pessoas, como se pode observar nas discursivizações de (04) a (09), no Exemplo 2.

Exemplo 2 – Interação no fórum livre

(04) Por L... - domingo, 13 novembro 2011, 18:32

"A identificação das classes gramaticais é feita, sempre, pela conjunção de critérios semânticos, morfológicos e sintáticos (ou seja, distribucionais). É impossível abrir mão desses critérios para efetuar essa identificação, já que, as definições, puramente semânticas, não podem dar as condições necessárias e suficientes para definir os membros de classes gramaticais específicas." Você concorda com essa afirmação? Enriqueça nosso conhecimento com sua justificativa.

(05) Por B... - terça, 15 novembro 2011, 14:54

A denominação de classe de palavras é comumente feita a conjuntos de palavras, determinados pelas funções ou propriedades semânticas ou gramaticais. Sua existência é de fundamental importância no quesito de descrição de uma língua, pois revelam as propriedades gerais das palavras.

[13 postagens omitidas]

(06) Por S... - domingo, 27 novembro 2011, 11:32

Segundo Basílio a questão de classes de palavras é bastante complexa, quer em relação aos critérios ou quer em relação às adequações de definições das classes que varia de língua para língua. São sempre definidas em critérios semânticos, sintáticos e morfológicos. Sendo assim, já que estamos estudando morfologia vou focar no critério morfológico, que segundo o autor "é a atribuição de palavras a diferentes classes, a partir das categorias gramaticais que apresentam, assim como das características de variação de forma que se mostrem em conjunção com tais categorias." Mas, como vimos em nossos estudos nesse semestre um único vocábulo tem propriedades morfológicas, semânticas e sintáticas. Assim percebemos que esses critérios sempre estão ligados e que não podemos classificar um termo sem se esquecer de outro.

(07) Por T... - domingo, 27 novembro 2011, 16:14

Bom, de acordo com os embasamentos teóricos dispostos pela professora F... e também pela sua contribuição em sala de aula, bem como as contribuições oferecidas por meus colegas, exponho aqui o meu ponto de vista referente ao que a L... propôs. A meu ver acredito que os critérios semânticos, morfológicos e sintáticos são realmente indissociáveis. No entanto, como pondera Biderman (p.172) ter como base para classificação das palavras a soma desses critérios revela um ato incoerente. Diante disso, recorro à perspectiva de Basílio (1999) [...]. Em outras palavras, o que quero dizer é que acredito na essencialidade da presença dos três critérios, [...]. Tendo em vista esse princípio de hierarquização torna-se possível também um entendimento maior e mais significativo das funções que cada classe de palavras pode exercer. Tudo dependerá do contexto que o vocábulo estiver inserido. O substantivo, por exemplo, dependendo do seu contexto estará dotado de uma carga semântica, morfológica ou sintática. Se estiver contido em um exercício em que se peça para achar o sujeito da oração o substantivo terá como topo da sua hierarquia classificatória o critério sintático, entretanto sua propriedade semântica e morfológica não lhe serão abstridas: Exemplo:1. Encontre o sujeito da oração "As flores desabrocham na primavera". Na frase acima pode-se perceber que o sujeito da oração é o substantivo "flores", nesse contexto ele exerce uma função, um ato que é o de desabrochar. Pode-se ver, então, que dentro da hierarquia o critério predominante é o sintático, [...]. Diante disso, é possível concluir que o conhecimento acerca dos critérios classificatórios e sua hierarquia nos permite compreender a fundamentação de cada classe gramatical. O seu

conhecimento pode propiciar ainda a compreensão das possíveis e diferentes aplicações que um mesmo vocábulo pode sofrer dentro de uma produção textual.

(08) Por H... - domingo, 27 novembro 2011, 18:38

Diante do que foi exposto pela T... com relação à hierarquia de critérios propostos por Basílio (1999), surgiu uma pequena dúvida justamente por meio do exemplo que foi citado ("As flores desabrocharam na primavera"). Infelizmente, e sabendo de antemão que essa hierarquização é bastante complexa, não entendi o porquê de o critério sintático ser aquele preponderante. É devido ao enunciado "Encontre o sujeito da frase"? Afinal, se penso em sujeito, automaticamente penso no critério sintático e no substantivo como núcleo do sujeito... é isso?

(09) Por T... - segunda, 28 novembro 2011, 15:43

H... é isso mesmo, nesse contexto o nome (flores) está predominantemente dotado de uma função sintática devido ao que foi proposto pelo enunciado. Convém acrescentar que conforme Basílio dentro de uma perspectiva sintática "o substantivo é a palavra que pode exercer a função de núcleo do sujeito, objeto e agente da passiva". Com isso gostaria de ressaltar o valor que o contexto, a meu ver, exerce sobre a determinação da hierarquia dentro das classificações de vocábulos. Como dizia o mestre Saussure "o ponto de vista cria o objeto", o olhar lançado sobre os vocábulos, em determinados casos, é que poderá indicar a preponderância que cada critério (semântico, morfológico e sintático) contém dentro desse vocábulo.

L inicia a discussão no tópico apresentando uma afirmação sobre o tema (04), a partir de um *framing* de "aprender", embora incitando reflexões aos demais participantes da interação de modo semelhante ao que costuma fazer um professor em sala de aula. Assim, embora L não apresente as referências de onde teria tirado essa afirmação, podemos inferir por meio da utilização das aspas que se trata de um excerto transcrito a partir de algum texto teórico. Após a apresentação da teoria, a autora da postagem faz uma *pergunta* aos participantes da disciplina, *chamando-os* a apresentar suas respostas e a fomentar a discussão por meio de elementos linguísticos como o pronome de segunda pessoa *você*, por exemplo, um pouco distante e autoritário em relação aos outros que poderiam participar como seus interlocutores, ou seja, seus colegas de sala.

A partir desses *estilos* linguísticos tradicionalmente reconhecidos como do professor – especialmente a estrutura de apresentar uma afirmação e em seguida fazer uma pergunta sobre ela, ensejando respostas em geral com fins avaliativos – "Você concorda com essa afirmação?" – L procura chamar a atenção dos participantes do fórum de modo a obter respostas para a sua pergunta, com postura semelhante à de um professor, embora não seja possível dizer que sua pergunta tem objetivos avaliativos. Além disso, L mantém seu estilo de fala ao utilizar o verbo *enriquecer* no modo imperativo, "enriqueça", oferecendo novo indício de uma atitude autoritária e *ativa* e de sua

identificação com representações ideológicas sobre o ser professor. A impessoalidade confirma esse estilo e revela a postura de L, ainda, pela utilização do pronome possessivo “sua”.

A partir da pergunta lançada por L, em (05), B apresenta-se como seu interlocutor na interação, como que *respondendo* ao que “lhe” foi perguntado, mesmo sem utilizar nenhum elemento para retomada do discurso anterior. Desse modo, B mantém o tópico interativo e o *framing* “ensinar”, porém a partir de um novo estilo discursivo, apresentando sua *resposta* de modo bastante descritivo e utilizando uma linguagem técnica, como se estivesse diante de uma situação de prova. As escolhas linguísticas de B revelam, assim, uma identificação com o papel social de “aprendiz”, assumido por ele especialmente através do *cumprimento da tarefa* de *responder* a uma pergunta. Assim, B se alinha diante de L, por relação de complementaridade de papel sociointeracional, uma vez que L pergunta, a exemplo de um professor, e B responde, a exemplo de um aprendiz, apesar de que ambos se mantenham a partir do *framing* “aprender”.

Após a resposta de B, são apresentados mais 13 *feedbacks* para o tópico em interação, que foram aqui omitidos por questão de espaço e por considerarmos as demais postagens mais representativas do movimento interacional construído no fórum. Vale destacar, porém, que das 13 postagens omitidas, 10 apresentam um estilo de fala capaz de evidenciar o papel social de “aprendiz” mantido pelos seus autores. As outras 3, por sua vez, são realizadas de modo a indicar o papel de “efeito-professor” assumido pelos locutores em seu discurso.

Na continuidade do diálogo, S (06) desempenha o papel interacional de “aprendiz”, na manutenção da interação no *framing* “aprender”, por meio da *postura* que assume perante a interação e os demais colegas como *estudante*, e o faz com a utilização de elementos lexicais desse campo, como “estudando” e “estudo”, de forma a se posicionar como aluna por meio de seu *estilo* de fala. Isso se confirma pela escolha do pronome plural de primeira pessoa “nossos” e do substantivo “estudos” – indícios de seu alinhamento à postura dos demais membros da disciplina; bem como pela forma de *resposta* de sua postagem,

amparada em conhecimentos teóricos específicos que ela teria *estudado* previamente ao momento de *responder*.

T (07) também afirma seu comprometimento com a tarefa de participar do fórum dizendo que sua *resposta* estaria motivada nos “embasamentos teóricos” propostos pela professora. Dessa forma, vai marcando, por meio do seu estilo de fala, o papel sociointeracional de “aprendiz”, alinhando-se em direção complementar à docente e destacando que *leu*, que *estudou*, que se *fundamentou* teoricamente e, portanto, está pronta para *responder* ao que se pede. No decorrer de sua postagem, porém, verificamos alteração do *framing* para “ensinar”, uma vez que T mostra indícios linguísticos diferentes dos verificados a princípio, pois traz um exemplo a respeito do que estava expondo e, em seguida, retoma esse exemplo em uma *atitude explicativa* típica do papel institucionalizado de docente. Assim, T passa a *explicar* o conteúdo em interação, posicionando-se por meio do papel de “efeito-professor”, utilizando e retomando exemplos, de modo a garantir que o seu interlocutor possa seguir seu raciocínio. Ainda em seu turno de fala, no entanto, T volta ao estilo apresentado anteriormente, por exemplo, utilizando a expressão “é possível concluir” ao modo do que faria em um trabalho acadêmico tradicional.

Por meio de nova alternância de *framing*, verificamos que a situação se desloca novamente para a orientação contextual “aprender”, já que H se alinha em *postura* complementar a T, retomando o que foi explicado por ela (cujo estilo discursivo e cuja postura evidenciam sua projeção no papel de “efeito-professora”) de modo a desempenhar o papel sociointeracional de “aprendiz”. Isso se verifica, no discurso de H, por meio da manifestação de suas *dúvidas* diante do que fora *explicado* por T, quando diz não ter *entendido* parte do que fora exposto – “não entendi o porquê de...”. H mantém esse estilo de fala indicativo de seu posicionamento a partir de representações sociais do papel de “aprendiz”, fazendo duas *perguntas* aparentemente direcionadas a T – “é devido ao enunciado X?”, “é isso”?, bem como por meio de verbos modalizadores, como “penso”.

T, por sua vez, *responde* em (09) ao que fora *perguntado* por H, *explicando* novamente o que havia *exposto* e *retomando* o exemplo anteriormente apresentado no sentido de *sanar as dúvidas* da colega. Para

complementar sua *explicação*, T *acrescenta uma nova informação* a respeito do assunto, de modo formal, como se pode inferir por “convém acrescentar que” ou ainda por “conforme Basílio”, reforçando sua postura e seu estilo de fala no sentido de assumir o papel sociointeracional de “explicadora”. Estamos novamente diante, portanto, do *framing* “ensinar”. No entanto, nessa mesma postagem T apresenta indícios que a remetem ao papel de “aprendiz”, mobilizando textos de autoridades na área (o que também garante que, como aluna, ela teria *estudado* os textos teóricos solicitados), bem como pelo uso de outros modalizadores discursivos, tais como o verbo “gostaria” e a expressão “a meu ver”. Essas observações apontam para uma relação liminar de alternância entre os papéis sociointeracionais de “aprendiz” e de “efeito-professor” desempenhados por T na interação em foco e evidenciados pela alternância dos *framings* “ensinar”/“aprender”.

Por fim, faz-se pertinente ressaltar que, nos 03 *feedbacks* apresentados na sequência, no tópico, os participantes apresentam suas considerações apenas em forma de *resposta*, marcando por meio do seu estilo de fala uma postura representativa do papel social de “aprendiz” por eles assumidos no debate sob análise.

Considerações finais

Neste trabalho, buscamos analisar as interações estabelecidas entre os participantes de uma disciplina de Morfologia da Língua Portuguesa em dois fóruns *online* constitutivos das atividades propostas – um obrigatório e um livre, procurando identificar os papéis sociointeracionais assumidos por tais participantes em situação específica de ensino/aprendizagem – mediada pela tecnologia digital. Em tais espaços discursivos, identificamos que os sujeitos interagem, por meio da linguagem, tanto de modo a manter o desempenho dos papéis institucionalizados e previamente definidos para esse tipo de situação – de aluno/professor, quanto (co)construindo, na interação, outros papéis sociointeracionais situados. As posições-sujeito coconstruídas na interação e identificadas por este estudo foram de “aprendiz”, de “efeito-professor” e de “colaborador”, papéis que os sujeitos alternam, em alguns casos, como evidenciado pelas mudanças de *framings* apresentadas.

Verificamos, ainda, que a construção de papéis sociointeracionais ocorre, quase que exclusivamente, no fórum livre, o que nos permite entrever que o deslocamento dos papéis institucionalizados parece se favorecer de um contexto menos imbuído do ritual avaliativo e acadêmico. Os resultados encontram sintonia na quantidade de postagens realizadas no fórum livre, pelo menos três vezes maior que as do fórum obrigatório – indicando envolvimento mais significativo dos sujeitos com as atividades, bem como na alternância de papéis para um mesmo sujeito, também identificada apenas no fórum livre.

Em seu conjunto, as observações revelam o potencial da mediação tecnológica para a (re/co)construção de papéis sociais nas situações interativas, de modo a deslocar posições previamente definidas para determinadas situações, como as de ensino formal. Por outro lado, no entanto, despontam também que a mediação da tecnologia digital não garante a promoção de deslocamentos, os quais dependem de outros elementos para se configurar em situação de ensino/aprendizagem de língua portuguesa como a aqui focalizada.

Referências

ADELL SEGURA, J. & CASTAÑEDA QUINTERO, L. Los Entornos Personales de Aprendizaje (PLEs): una nueva manera de entender el aprendizaje. In: ROIG VILA, R & FIORUCCI, M. *Claves para la investigación en innovación y calidad educativas*. Alcoy: Marfil – Roma TER Università degli studi, 2010.

BARTON, D.; LEE, C. *Linguagem online: textos e práticas digitais*; tradução Milton Camargo Mota. 1. ed. –São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

GOFFMAN, E. Footing. In: GOFFMAN, Erving. *Forms of talk*. University of Pennsylvania Press, 1981.

GUMPERZ, J. C. & GUMPERZ, J. J. Commentary: frames and contexts: another look at the macromicro link. In: *Pragmatics* 21:2.191-211. International Pragmatics Association, 2011.

CELANI, M. A. A.; MAGALHÃES, M. C. C. Representações de professores de inglês como língua estrangeira sobre suas identidades profissionais: uma proposta de reconstrução. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C.

Identities: recortes multi e interdisciplinares. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. p.319-338.

FOUCAULT, M. A ordem do *discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010a

_____. *A arqueologia do saber*./ Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

HARRISON, A. R. Representing the ideal self: represented speech and performance roles in fulfulde personal narratives. In: *Pragmatics* 21:2.191-211. International Pragmatics Association, 2011.

MOITA LOPES, L. P. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. In: *Trabalhos em linguística aplicada, vol 49(2):393-417, Jul./Dez. 2010*. Campinas, SP, 2010.

OLIVEIRA, S. C.; LUCENA FILHO, G. J. Animação de fóruns virtuais de discussão — novo caminho para a aprendizagem em EAD via web. *RENOTE — Revista Novas Tecnologias na Educação*, Porto Alegre, v. 20, p. 1-11, dez. 2006.

PARK, J. S. & TAKANASHI, H. Introduction reframing framing: interaction and the constitution of culture and society. In: *Pragmatics* 21:2.191-211. International Pragmatics Association, 2011.

SANTAELLA, L. *Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007. 468p.

SIGNORINI, I. Letramentos multi-hipermidiáticos e formação de professores de língua. In: SIGNORINI, I.; FIAD, R. S. *Ensino de língua: das reformas, das inquietações e dos desafios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

TAKANASHI, H. Complementary stylistic resonance in japanese play framing. In: *Pragmatics* 21:2.191-211. International Pragmatics Association, 2011.

ZACHARIAS, V. R. de C. Letramento digital: desafios e possibilidades para o ensino. In: COSCARELLI, C. V. *Tecnologias para aprender*. – 1 ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 15-29.